

MÍDIA, FUNDAMENTALISMO E TERROR – A LÓGICA DA BARBÁRIE

*Media, fundamentalism and terror –
the logic of the barbarity*

Deodoro José Moreira¹

Resumo

O termo fundamentalismo adquiriu conotação fortemente negativa após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 contra os EUA e a mídia impressa é uma das responsáveis por construir uma imagem distorcida do islã. Neste trabalho, examinamos as construções da mídia e analisamos, sob o ponto de vista histórico, o fundamentalismo e o terrorismo, tendo como foco a mídia impressa nacional.

Palavras-chave: Fundamentalismo; Terrorismo; Mídia.

Abstract

The term fundamentalism acquired strong negative connotation after the aerial attacks of September 11, 2001 against U.S.A., and the printed media is one of the responsible ones for constructing an image distorted of Islam. In this work, we examine the constructions of the media and analyze, under the historical point of view, the fundamentalism and the terrorism, having as focus the national printed media.

Keywords: Fundamentalism; Terrorism; Media.

Pós-modernidade e globalização

Após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos, a mídia² passou a disseminar uma palavra que até então parecia um pouco distante dos leitores: o fundamentalismo. Nascido na modernidade, o movimento (fundamentalista), inicialmente religioso e monoteísta, é construído pela mídia na pós-modernidade de um modo, no mínimo, controverso: está carregado de negatividade, pois,

¹ Mestre e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É professor no curso de Jornalismo da União das Faculdades dos Grandes Lagos (Unilago), de São José do Rio Preto (SP). e-mail: dmor@terra.com.br

² Impressa, mais especificamente, por ser nosso objeto de estudo.

constantemente, aparece associado ao terror. É difícil encontrar alguém que não tenha ainda lido ou ouvido falar de fundamentalismo islâmico. A associação ao islã, por vezes proposital e preconceituosa, deturpou o verdadeiro sentido da palavra. Nosso objetivo é apontar, utilizando exemplos, como a mídia impressa, especificamente um jornal diário de circulação nacional (*Folha de S.Paulo*) e revistas semanais de informação (*Vêja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*), fazem essa associação, construindo uma imagem distorcida dos muçulmanos no Brasil e um entendimento incorreto do que vem a ser, na verdade, fundamentalismo.

Antes, porém, de iniciarmos a análise em relação à mídia, é fundamental que haja um entendimento das circunstâncias que levaram a esse estado de coisas explicitado acima.

É imprescindível compreendermos a origem do fundamentalismo, que é cristã e não islâmica. Antônio Flávio Pierucci (2004) acentua que “como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante. Mais especificamente, filho do protestantismo conservador do sul dos Estados Unidos. O Estado do Tennessee é seu ícone geográfico” (PIERUCCI, 2004).

Não deixa de ser um paradoxo o fundamentalismo nascer nos Estados Unidos e na atualidade estar associado, erroneamente, diga-se de passagem, ao islã, em tese, o principal foco da carga de negatividade que o termo assumiu a partir do evento de 11 de setembro de 2001.

Quando surgiram, entre 1909 e 1915, os fundamentalistas se colocavam em uma posição contrária à modernidade, ou seja, eram antimodernos. Ressalte-se que o termo fundamentalismo só veio a ser utilizado em 1920 pelo reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal *Watchman Examiner*. “Seu objetivo básico era defender o princípio da plena inspiração divina da Bíblia. Para os fundamentalistas, a Bíblia foi totalmente inspirada por Deus. [...] Estando escrito no livro sagrado, não há o que discutir” (PIERUCCI, 2004). Não é exagero afirmar que o fundamentalismo nasce no contexto da modernidade, mas negando a própria modernidade. A principal reação se dá contra a teoria evolucionista de Darwin, isso em 1925. Como a Bíblia diz que Deus criou o

homem, os fundamentalistas lançaram-se em luta obsessiva contra a tese darwinista, que afirma que o homem descende do macaco por seleção natural. Negando a evolução biológica, os fundamentalistas acabariam por contaminar o próprio nome, deixando-o carregado de negatividade. “Foi uma interessante reviravolta mediada pela mídia: perante a opinião pública, a agressiva militância fundamentalista acabou maculando seu nome com a pecha de intolerância-com-ignorância” (PIERUCCI, 2004).

Isso, sem dúvida, explica, em parte, e nisso comungamos da opinião de Pierucci, por que a mídia ocidental trata de maneira ofensiva os radicais islâmicos que pertencem a movimentos político-religiosos.

A imagem de intolerância sempre esteve associada aos fundamentalistas, isso, no entanto, não exclui a responsabilidade da mídia impressa em aumentar a tensão em relação aos povos islâmicos, pois tal designação (fundamentalistas) é utilizada não apenas para nomear movimentos religiosos, mas também pessoas que defendem posições radicais em outros setores, como mercado, político, etc.

É importante ressaltar que não nos interessa somente apresentar o fundamentalismo como um produto da modernidade, ousamos afirmar ainda que o movimento tem sua faceta pós-moderna, que se materializa no jihadismo global de Osama bin Laden. O movimento de bin Laden é reconhecido como neofundamentalista. Trata-se de uma ruptura radical com o islã histórico. A globalização da jihad de bin Laden ocorreu logo após o “exército de fiéis” de Ayman al-Zawahiri³ ter se instalado no Afeganistão.

Jihadismo global, movimento ao qual pertence bin Laden e seu grupo, é um herdeiro legítimo da ruptura Wahabi com o islã histórico mas é também uma ruptura com o próprio fundamentalismo, em vários níveis. Os neofundamentalistas islâmicos rejeitam o monopólio dos ulemás (sábios corânicos) sobre o debate religioso e incorporam a linguagem antiimperialista à sua jihad. Eles não são pré-modernos, mas pós-modernos. (MAGNOLI, 2005, p. 7).

³ Vice-líder da organização Al Qaeda.

A pós-modernidade do movimento de bin Laden materializa-se na utilização da internet para recrutar militantes para a Al Qaeda, uso de tecnologias na execução de atentados e movimentação de capital financeiro nas Bolsas mundiais, entre outros. Aliás, essa adaptação do movimento de bin Laden ao capitalismo global mereceu as seguintes indagações de Slavoj Žižek:

As “organizações terroristas internacionais” não são o duplo obscuro das grandes corporações multinacionais – a máquina rizomática absoluta, onipresente –, embora sem uma base territorial clara? Não são elas a forma como o “fundamentalismo” nacionalista e/ou religioso se adaptou ao capitalismo global? (Žižek, 2001, p. 10-11).

A organização Al Qaeda assume uma posição vanguardista do ponto de vista político, como acentua o historiador inglês T. J. Clark, no sentido de ser a única que oferece uma forma efetiva de oposição ao poderio dos Estados Unidos. É claro que bin Laden sabe que não pode confrontar os EUA nos campos político, econômico e militar, mas impôs um castigo que humilhou os norte-americanos: o ataque às torres gêmeas do World Trade Center e ao Pentágono. Essa foi a forma encontrada para contestar o império.

Os norte-americanos são vistos pelos fundamentalistas islâmicos como o Grande Satã, o inimigo que deve ser exterminado. Os EUA representam para os muçulmanos o fundamentalismo do mercado, cujo deus é o capital, além de encarnar a figura do colonizador que pretende impor a democracia sob o ponto de vista do Ocidente.

Todo esse ódio, que bin Laden soube capitalizar para si e sua organização, tornou-se explosivo com o processo de globalização. Assim como Žižek (2003) e Jean Baudrillard (2003), defendemos que a globalização foi determinante para que os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 se materializassem e acendessem o estopim do radicalismo desenfreado.

Habermas, em entrevista concedida a Giovanna Borradori (2004), parece não aceitar esse tipo de argumento:

Se os realizadores organizados do ataque de 11 de setembro estão entre aqueles que se beneficiam dessa chamada globalização (poder capitalista, telecomunicação, tecnologia avançada, abertura das fronteiras etc.), eles ainda assim alegaram (injustamente, sem dúvida, embora sem grande efeito) estarem agindo em nome daqueles condenados pela globalização, todos aqueles que se sentem excluídos ou rejeitados, privados de direitos, jogados à margem do caminho, que só têm o meio dos pobres desta era de globalização (que é, hoje, a televisão, um instrumento jamais neutro) para testemunhar o espetáculo ofensivo da riqueza dos outros. (BORRADORI, 2004, p. 131-132).

A afirmação de Habermas nos faz pensar que há um paradoxo. Bin Laden pretende implantar um califado pan-islâmico, baseado no Alcorão, mas, ao mesmo tempo, ele e seus seguidores se comportam segundo os padrões mais exigentes da modernidade: utilizam-se de tecnologias avançadas, conhecem os segredos do capital financeiro, como acentuamos anteriormente, e sabem utilizar com precisão os recursos da mídia.

A utilização precisa dos recursos da mídia é componente essencial na estratégia de bin Laden. Os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 são exemplos disso. O saudita conseguiu fazer com que a mídia levasse sua mensagem ideológica para o mundo todo.

Na pós-modernidade, a perversão vê-se livre para manifestar-se em várias formas, como violência urbana, terrorismo, é o resultado da falta de lei. A estetização da violência apresentou-se como um ritual islâmico, onde os suicidas, no caso dos ataques aéreos, ofereceram-se, em sacrifício, para serem vistos, seduzindo a todos para suas justas causas. A violência tornou-se mercadoria.

A ânsia de espetáculo da sociedade ocidental ficou estampada nas primeiras páginas de jornais do mundo todo no dia seguinte ao ataque (12 de setembro de 2001): imagens das torres gêmeas em chamadas em tamanhos ampliados, como nas capas dos jornais *USA Today*, *The Examiner* e *Herald* (Figuras 1, 2 e 3, respectivamente), “brindavam” os leitores com algo brilhante (chamadas posteriores às explosões dos aviões contra as torres).

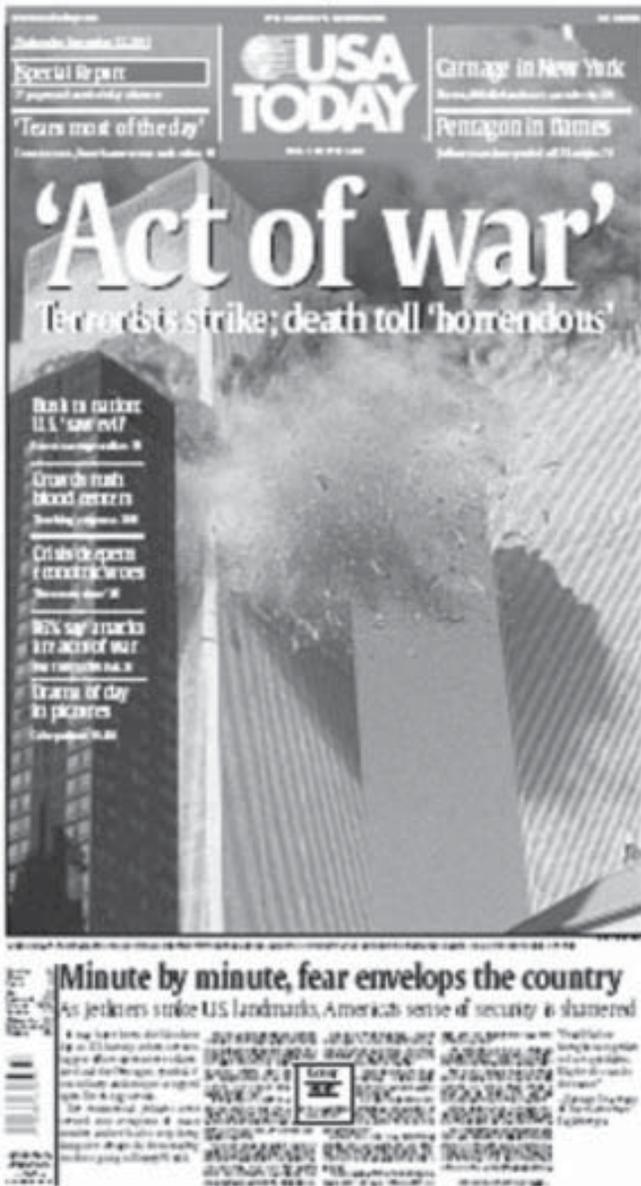


Figura 1 - Primeira página do *USA Today*



Figura 2 - Primeira página do *The Examiner*



Figura 3 - Primeira página do *Herald*

Equívocos e associações indevidas

Como acentuamos no início deste trabalho, o ataque aéreo trouxe definitivamente para o centro da mídia impressa a relação fundamentalismo-violência-terrorismo. Antes de prosseguirmos é importante apresentar o comentário do professor Basyouni Ibrahim Hamada (2003):

Most significant for the present discussion is the official Islamic position toward terrorism and violence as reflected in the Islamic Summit Conference held in Casablanca December 1994. The conference announced a code of conduct, including the following: (i) to declare that Islam is innocent of all forms of terrorism that involves the assassination of innocent people as it is prohibited by God, (ii) to strongly condemn the perpetrators of those serious crimes which are committed under the plea of implementing Islam or any other justification; (iii) to confirm that the struggle of peoples under colonial or foreign control or occupation for realization of their right to self-determination does not constitute an act of terrorism. Islam condemns any person who is fanatical or extremist and insists on moderation, and tolerance towards one another and other non-Muslims. In the Quran, the only permissible war is one of self-defense. Muslims may not begin hostilities. (HAMADA, 2003, p. 102).⁴

O comentário de Hamada mostra como é equivocado o posicionamento da mídia impressa ao associar fundamentalismo-violência-terrorismo. Na verdade, o que se depreende é a tendência de a mídia taxar todos os muçulmanos, fundamentalistas ou não, de criminosos e associados ao terrorismo. Tal percepção se torna ainda mais verdadeira quando apresentamos a síntese de uma pesquisa realizada pelo mesmo Hamada (2003). Em seu estudo sobre a imagem que os profissionais ocidentais da mídia (especificamente jornalistas) têm sobre os árabes, encontrou uma predominância negativa da imagem árabe.

For example, 85.7 per cent said that Arabs are fundamentalists, 78 per cent perceives Arabs as anti-West, and 69 per cent claimed that Arabs are aggressive. As for the values Western image – makers think Arabs are promoting, the findings show that 97 per cent of Western image makers see that fundamentalism is the main value Arabs are

⁴ (Tradução) A mais significativa discussão atual é a posição islâmica oficial para o terrorismo e a violência refletida na Conferência Islâmica, que ocorreu em Casablanca, em dezembro de 1994. A conferência anunciou um código de conduta, incluindo o seguinte: 1) o islamismo é inocente de todos os atos de terrorismo que visem o assassinato de pessoas inocentes, pois é proibido por Deus; 2) condena fortemente os realizadores daqueles crimes sérios que são cometidos sob a justificativa de implantar o islamismo ou outro qualquer; 3) Luta dos povos para não permitir a colonização ou a ocupação estrangeira e terem direito à autodeterminação não constitui um ato de terrorismo. O islamismo condena toda a pessoa fanática ou extremista e insiste na moderação e tolerância em relação aos não-muçulmanos. No alcorão, a única guerra permitida é a da autodefesa. Os muçulmanos não podem cometer hostilidades. (HAMADA, 2003, p. 102).

promoting, 54 per cent, said that violence is the basic value of Arabs, while 40 per cent notes terrorism as the value that Arabs promote. Most important is the negative consequences of the Arab image. Western image-makers were asked: what do you personally think are the negative consequences of a distorted Arab image? The majority (87 per cent) said that a distorted Arab image justifies any armed aggression against Arabs, and 81 per cent said it may mobilize international public opinion to act against Arabs. Slightly more than three-quarters of the surveyed Western journalists reported the threat to Arab security and the isolation of Arabs as negative consequences of the biased image. (HAMADA, 2003, p. 104).⁵

Diante dos números apresentados acima, ressaltamos a observação oportuna, com a qual concordamos, de Jacques A. Wainberg, para quem:

Há, na verdade, pouca sensibilidade para refletir pesadamente sobre a natureza do fundamentalismo wahabita de bin Laden. É mais fácil disparar a metralhadora retórica contra o fundamentalismo da ideologia política neoliberal, do modo de produção capitalista e de sua melhor expressão, o mercado mundialmente integrado. (WAINBERG, 2005, p. 143).

Para exemplificar a simplificação com que a mídia impressa brasileira reduz o fundamentalismo, vale citar o olho de abertura da matéria *Um caminhão de insanidade*, da revista *IstoÉ* (2003), edição 1.769: “Morto num atentado brutal em Bagdá, o brasileiro Sergio Vieira de Mello, uma das principais estrelas da ONU, é vítima da luta entre o **fundamentalismo do terror** árabe e o sectarismo do governo americano” (FREITAS JR., 2003, p. 75).

Como afirmamos acima, a associação entre fundamentalismo e terror retira qualquer positividade

na significação do termo, pois reduz tudo à violência desmesurada que é utilizada em sua forma mais vil, ou seja, na morte de pessoas inocentes.

O trecho citado acima não apresenta uma posição favorável aos Estados Unidos, pois trata de taxar o governo Bush de sectário, mas não o liga ao terror. Não é exagero afirmar que o governo Bush é fundamentalista, pois sempre associou a luta contra o terrorismo a uma missão divina. Isso ficou claro quando logo após o ataque contra as torres gêmeas do World Trade Center e ao Pentágono (Bush), denominou a caçada aos autores do acontecimento de Justiça Infinita, numa clara referência aos valores divinos, além de afirmar que se tratava de uma luta do Bem (representado pelos Estados Unidos e aliados) contra o Mal, o Outro fundamentalista (terroristas e os países que os abrigam).

O enunciador de *Veja* (2003)⁶ tem um posicionamento idêntico em um trecho da matéria sob o título “Terror para manter a guerra... e impedir a paz”,⁷ em referência a um atentado ocorrido em Israel.

[...] O **massacre dos inocentes** em Jerusalém foi explicado por seus mentores – O Hamas e a Jihad Islâmica, as duas principais **organizações fundamentalistas islâmicas** da região – como um ato de revanche por um líder islâmico morto por soldados de Israel, dias antes. (TERROR..., 2003, p. 48).

Novamente, como no exemplo anterior, associa-se terror a fundamentalismo. E essa associação é feita na definição clássica de terror, ou seja, o massacre de inocentes para atingir um objetivo. O enunciador de *Veja* quer fazer-creer ao enunciatário que os fundamentalistas islâmicos vingam-se de ataques israelenses, matando inocentes. Aqui, é importante lembrar a observação de Hamada, apresentada anteriormente, sobre um dos tópicos do código de conduta elaborado pela Conferência Islâmica que aponta o islamismo como inocente de todos os atos de terrorismo que visem ao assassinato de civis, pois tal procedimento é proibido por Deus.

⁵ (Tradução) Por exemplo, 85,7% disseram que os árabes são fundamentalistas; 78% percebem os árabes como anti-Occidente, e 69% apontam que os árabes são agressivos. Quanto aos valores, 97% dos profissionais ocidentais da mídia avaliam que fundamentalismo é o principal do valor que o árabe está promovendo; 54% dizem que a violência é o valor básico dos árabes; 40% apontam o terrorismo como o valor que os árabes promovem. Mais importantes são as conseqüências negativas da imagem árabe. Aos profissionais ocidentais da mídia foi perguntado: Quais as conseqüências negativas de uma imagem árabe distorcida? A maioria (87%) disse que uma imagem árabe distorcida justifica toda a agressão armada contra os árabes; e 81% disseram que pode mobilizar a opinião pública internacional para agir contra os árabes. Mais de três quartos dos jornalistas ocidentais pesquisados relataram a ameaça à segurança árabe e o isolamento dos países árabes como conseqüências negativas da imagem distorcida. (HAMADA, 2003, p. 104).

⁶ *Veja* não atribui autoria à matéria.

⁷ Matéria enfoca o atentado contra o prédio da ONU em Bagdá que vitimou o brasileiro Sérgio Vieira de Mello.

A *Folha de S.Paulo*⁸ também adota estratégia semelhante. Na matéria que traz o título “‘É a hora da diplomacia’, afirma Rice”, há o seguinte trecho: “Rice comparou as ameaças do **fundamentalismo islâmico** ao **comunismo** e ao **fascismo** durante o século 20”. (É..., p. A10). Apesar de o enunciador estar atribuindo a Rice a afirmação, associa fundamentalismo islâmico ao comunismo e ao fascismo, o que traz a idéia de perseguição, tirania, morte de inocentes, etc.

A seguir, apresentamos duas capas de revistas semanais de informação: a edição n. 1.721 de *Veja*, de 10 de outubro de 2001 (Figura 4) e a edição n. 163 de *CartaCapital*, de 31 de outubro de 2001 (Figura 5).

Nota-se que as duas capas fomentam a mesma visão distorcida do fundamentalismo. O enunciador de *CartaCapital*, no olho, colocado abaixo da manchete “Wanted morto”, apresenta: “Bush ordena à CIA: ‘matem bin Laden’”. Mas o **terror** e o **fundamentalismo** não morreriam com ele” (CARTACAPITAL, 31 de outubro de 2001, p. 1). Nesse caso, o problema é duplo, pois, além da relação terror-fundamentalismo, percebe-se, por parte do enunciador de *CartaCapital*, uma visão de colonizador. A impressão é que houve apropriação do discurso do Ocidente (leia-se EUA e aliados), que pretende colonizar países árabes e implantar a democracia a sua maneira.



Figura 4 - Capa de *Veja*, edição n. 1.721

⁸ *Folha de S.Paulo* não atribui autoria à matéria.



Figura 5 - Capa de *CartaCapital*, edição n. 163

Já o enunciador de *Veja* apresenta-se mais despudoradamente radical, a começar pela manchete: com a palavra **fundamentalismo** sobre uma tarja preta, traz o título “Fé cega e mortal”. A manchete é ratificada pela foto, que apresenta uma mulher vestida com a burka. A vestimenta impede que a mulher, além de ter a visão dificultada, mostre o rosto. Logo abaixo, em um dos olhos, o enunciador ratifica sua posição: “Os fundamentalistas querem dominar o mundo em nome de Alá” (VEJA, 10 de outubro de 2001, p. 1). Ou seja, o enunciador tem uma visão totalmente distorcida do fundamentalismo e a propaga. Aliás, no olho, há um erro absurdo: o enunciador diz que os

fundamentalistas querem dominar o mundo. Mas quais seriam esses fundamentalistas? Ou seja, houve uma generalização imprópria do termo, pois há fundamentalistas islâmicos e cristãos, por exemplo.

Considerações finais

Com as análises apresentadas, não pretendemos, contudo, afirmar que não há conexão entre fundamentalismo e terror. Entre os fundamentalistas islâmicos há, obviamente, os fanáticos que recorrem ao terrorismo como forma de buscar impor sua ideologia. Aliás, o terror como

idéia política é recente, nasceu com a Revolução Francesa, mas suas origens são pré-modernas. No entanto, como acentua Terry Eagleton, em entrevista a Sandra Carvalho, para o caderno *Mais!*, da *Folha de S. Paulo* (2006), “o fundamentalismo é avesso à violência. Poucos fundamentalistas islâmicos são de fato terroristas suicidas” (CARVALHO, 2006, p. 4-5).

Reside no fato apontado por Eagleton, que poucos fundamentalistas islâmicos são terroristas, a falha no tratamento que a mídia impressa dispensa ao assunto. Daí a construção equivocada do fundamentalismo.

E onde começa esse equívoco (intencional ou não)? Exatamente na maneira como os jornalistas ocidentais vêem os árabes. As análises apresentadas, corroboradas pela pesquisa que Hamada realizou (citada neste trabalho), onde a maioria dos profissionais associa os árabes à violência, permitem esta conclusão.

Atendo-nos mais à imprensa nacional, é importante ressaltar um outro componente, igualmente importante, a dependência dos veículos em relação às agências internacionais. Quanto a isso, é oportuno apresentar a análise de Wainberg (2005):

Decorre dessas características do consumo brasileiro do noticiário internacional a natureza pouco pretensiosa de sua oferta pela maior parte da imprensa. Elas tendem a replicar simplesmente o noticiário das agências internacionais, investindo pouco na produção nacional desse conteúdo, mesmo em situações de crise extrema, como o ataque dos seguidores de Osama bin Laden em 11 de setembro de 2001, em Nova York. Na verdade, esse caso revelou a extrema fragilidade e o despreparo da mídia nacional. (WAINBERG, 2005, p. 136).⁹

Essa dependência torna-se um complicador a mais quando a associamos a um outro, à falta de visão histórica, como constatamos neste trabalho. A

propósito, Eagleton (2005), quando analisa a chamada Guerra ao Terror,¹⁰ também toca neste ponto.

In the so-called war against terror, ‘evil’ is used to foreclose the possibility of historical explanation. In this sense, it has something like the function of the world ‘taste’ for the eighteenth century. In the disparagement of rational analysis which it suggests, it reflects something of the fundamentalism it confronts. Explanation is thought to be exculpation. Reasons become excuses. Terrorist assault is just a surreal sort of madness, like someone turning up at a meeting of the finance committee dressed as a tortoise. (EAGLETON, 2005, p. 116).¹¹

Esses três fatores, atitude preconceituosa em relação aos árabes, dependência das agências internacionais e ausência de visão histórica, contaminam a construção do fundamentalismo e, conseqüentemente, do terror na mídia impressa brasileira.

A correção desses desvios torna-se urgente quando recorremos a Motta:

O jornalismo ganha status de historiador do presente, de uma história falada e escrita pelos jornalistas e seus colaboradores, crua, sem refinamento. Como diz um historiador do presente, se em algum lugar pulsa o coração da história contemporânea, não é nos arquivos silenciosos, mas no barulho das redações. Formador do acontecimento, o jornalista é o historiador e o antropólogo natural da atualidade. (MOTTA, 2004, p. 21).

Essa condição do jornalista ser um historiador do presente mostra que é urgente uma mudança de rota, ou seja, que a “islamofobia” que se criou no Ocidente, principalmente após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001, seja posta no esquecimento.

⁹ Wainberg faz essa análise tendo como foco o jornalismo praticado nas emissoras de TV nacionais, mas podemos estendê-la à mídia impressa, que sofre de problemas quase idênticos. A superficialidade, ponto importante discutido neste trabalho, é comum a ambas.

¹⁰ Empreendida pelo presidente norte-americano, George W. Bush, logo após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001.

¹¹ (Tradução) Na chamada guerra contra terror, o “mal” é usado para excluir a possibilidade de explanação histórica. Nesse sentido, tem algo como a função do gosto da palavra para o século 18. No descrédito da análise racional que isso sugere, reflete algo do fundamentalismo que confronta. A explanação é pensada como justificativa. As razões transformam-se em desculpas. O ataque terrorista é como um surreal surto de loucura, como alguém que gira sob uma reunião de um comitê de finanças vestido como uma tartaruga. (EAGLETON, 2005, p. 116).

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em tempo de terror: diálogos com Habermas e Derrida**. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CARTA CAPITAL. São Paulo: Confiança, n. 163, 31 out. 2001.
- CARVALHO, Sandra. Duelo de Titãs. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jan. 2006, Caderno Mais!, p. 4-5.
- EAGLETON, Terry. **Holy terror**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CONDOLIEZZA, Rice. É a hora da diplomacia, afirma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A 10, 19 jan. 2005.
- HAMADA, Basyouni. I. Media, Violence and Terrorism in the Arab World. In: Boafó S. T. K; Maguire, J; Coudray, S. **Media: violence and terrorism**. Paris: UNESCO, 2003. p. 101-106.
- MAGNOLI, Demétrio. Diante da jihad global. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 mar., 2005. Caderno Mais!, p. 7.
- MOTTA, Luiz G. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2004.
- FREITAS JR., Osmar. Um caminhão de insanidade. **ISTOÉ**, São Paulo, n. 1.769, p. 1, 74-81, ago. 2003.
- PIERUCCI, Antônio F. Criacionismo é fundamentalismo. O que é fundamentalismo? **ComCiência**, Campinas, São Paulo, n. 56, jul. 2004. Disponível em <<http://www.comciencia.br/200407/reportagens/12.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005. ISSN 1519-7654.
- TERROR Para manter a guerra ...e impedir a paz. **Veja**, São Paulo, p. 48, 27 ago. 2003. Edição especial 1817.
- VEJA. São Paulo: Abril, n. 1721, 10 out. 2001.
- WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.
- I•EK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. Senhores e servos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo: 11 nov. 2001. Caderno Mais!, p. 10-11.

Recebido em: 13/02/2007

Received in: 02/13/2007

Aceito em: 21/03/2007

Accepted in: 03/21/2007